

## **Questões étnicas e raciais: Uma proposta para o ensino de Ciências partindo da diversidade cultural de Povos Indígenas**

**Felipe Luiz de Araújo Martins**



**Thalita Geovana Cassiano Ferreira**



---

### **Resumo**

---

O ensino para a diversidade e o ensino multicultural são temas que vêm sendo amplamente discutidos no meio educacional atualmente. A Lei 11.645/2008, torna obrigatório o ensino da história e cultura dos povos indígenas nas escolas. Porém, o que presenciamos nas escolas é uma defasagem nos currículos estaduais sobre a importância da abordagem do assunto nas salas de aula, como acontece também com o ensino da matriz afro-brasileira. Sendo assim, o espaço escolar contribui, muitas vezes, com a visão discriminatória dos povos indígenas, gerando a reprodução de fatos e visões errôneas a respeito da diversidade desses povos no país. Tendo em vista a necessidade de ações que possam inverter essa lógica, neste texto apresenta-se um relato de experiência sobre um projeto de caráter interdisciplinar, desenvolvido com alunos do primeiro ano do ensino médio de uma escola estadual do município de Itajubá-MG, no âmbito do Programa Residência Pedagógica. O projeto visou trabalhar questões de identidade étnico-raciais dialogadas com questões ambientais no ensino de Ciências, partindo da cultura de dois povos indígenas: os Ikpengs e os Paiter Suruí. Os temas trabalhados nas ações do projeto propõem-se a aproximar os alunos de uma nova visão sobre os povos indígenas contemporâneos e sobre como podem ser trabalhadas as questões indígenas no ensino de Ciências.

**Palavras-chave:** Interdisciplinaridade. Diversidade Cultural. Etnoconhecimento.

## **Literary reading in basic education: an account of the Pedagogical Residence programme**

**Danglei de Castro Pereira  
Dalva Suzana dos Santos Silva**

---

### ***Abstract***

Teaching for diversity and multicultural teaching are topics that are being widely discussed in the educational environment today. The Law 11.645/2008 makes it mandatory to teach the history and culture of indigenous peoples in schools. However, what we witness in schools is a gap in state curricular on the importance of approaching the subject in classrooms, as is also the case with the teaching of the Afro-Brazilian matrix. Thus, the school space often contributes to the discriminatory view of indigenous peoples, generating the reproduction of facts and erroneous views regarding the diversity of these peoples in the country. In view of the need for actions that can invert this logic, this text presents an experience report on an interdisciplinary project, developed with first-year high school students at a state school in the municipality of Itajubá-MG, in scope of the Programa Residência Pedagógica. The project aimed to work on issues of ethnic-racial identity in dialogue with environmental issues in science education, starting from the culture of two indigenous peoples: the Ikpengs and the Paiter Suruís. The themes dealt with in the project's actions are intended to bring students closer to a new vision of contemporary indigenous peoples and how indigenous issues can be worked on in science education.

**Keywords:** Interdisciplinarity. Cultural diversity. Ethnoknowledge.

## **Introdução**

A construção do país se caracteriza pela depreciação das comunidades tradicionais que lutam e resistem até hoje, como é o caso da população indígena. Atualmente, segundo dados da FUNAI, os povos indígenas no Brasil ocupam pouco mais de 10% do território nacional, localizados em praticamente todas as regiões do país.

A Lei 11.645/2008 torna obrigatório o ensino da história e cultura dos povos indígenas nas escolas, porém, o que presenciamos atualmente é uma defasagem nos currículos estaduais em relação a importância de se ensinar a respeito da diversidade desses povos no Brasil, como acontece também com o ensino da matriz afro-brasileira. Sendo assim, o espaço escolar contribui, muitas vezes, com a visão discriminatória dos povos indígenas, gerando a reprodução de fatos e visões errôneas à respeito da diversidade desses povos presentes no país.

Um fator importante colocado como desafio aos docentes das áreas de Ciências está em como abordar na prática o tema, deixando para a disciplina de História a responsabilidade da abordagem do assunto. Almeida (2010) menciona que um fator que dificulta o trabalho com esse tema é que há, por parte de alguns professores, um desconhecimento sobre a cultura indígena. Outro fator que se pode considerar limitante a abordagem do conteúdo, está na utilização apenas do livro didático pelos docentes como principal recurso pedagógico de apoio. Neste contexto, Sá (2010) menciona que nos livros a abordagem da figura do negro e o índio acontecem de forma pejorativa, quando não são invisibilizados, tanto de forma verbal quanto não verbal. Porém, as possibilidades do etnoconhecimento são imensas e multifacetadas, portanto, podem ser dialogadas de forma crítica e tratadas de maneira transversal e interdisciplinar.

O ano de 2019 foi comemorado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) como o ano Internacional das Línguas Indígenas. Partindo da importância da discussão sobre o tema atualmente na sociedade, e embasados pela 11.645/2008, foi proposto um projeto interdisciplinar para alunos do primeiro ano do ensino médio de uma escola estadual do município de Itajubá-MG. O projeto foi elaborado no âmbito do Programa Residência Pedagógica, visando trabalhar questões de identidade étnico-raciais dialogadas com questões ambientais no ensino de Ciências, partindo da cultura de dois povos indígenas presentes em territórios do nosso país: os Ikpengs e os Paiter Suruí.

Os temas trabalhados nas ações do projeto propõem-se a aproximar os alunos de uma nova visão sobre os povos indígenas contemporâneos e sobre como podem ser trabalhadas as questões indígenas no ensino de Ciências. Este relato apresenta a experiência vivida por meio da descrição das ações realizadas e das reflexões dos licenciandos que desenvolveram a proposta.

## **Metodologia**

A elaboração do projeto ocorreu de acordo com o cronograma proposto pelas atividades que foram desempenhadas na escola durante o Programa Residência Pedagógica, sendo que uma delas, era a realização de um projeto em caráter interdisciplinar com produção de materiais para uma Feira de Ciências que já ocorre anualmente na escola onde os alunos iriam expor seus trabalhos. Para tanto, elaboramos uma sequência didática, dividida em sete momentos, com o tempo disponível de 1 hora de aula para cada momento.

Como a proposta era criar um diálogo com os alunos que partisse do conhecimento de culturas indígenas, mas que os inserissem de maneira ativa no processo de aprendizagem, utilizou-se a metodologia da pedagogia de projetos como embasamento para as atividades.

Tal metodologia tem como enfoque principal colocar os alunos no centro do ensino e aprendizagem de maneira construtivista, onde o papel do docente vai para além da transmissão de informações aos alunos, mas procura elaborar novas situações que promovam novas possibilidades para o processo de aprendizagem. Para Prado (2009), a pedagogia de projetos pode viabilizar ao aluno um modo de aprender baseado na integração entre conteúdos das várias áreas do conhecimento, portanto, assume o caráter interdisciplinar. Através dela, o aluno aprende de forma ativa no processo de produzir, de pesquisar, de construir e criar novas relações e reflexões que incentivam novas reconstruções no seu processo de conhecimento.

## **Aplicação do projeto**

### **1º momento:** Aproximação dos alunos ao tema a ser trabalhado

Nesta primeira etapa da aula, para aproximar os alunos do tema, foi feita uma roda de conversa introdutória com os estudantes para questioná-los sobre o que conheciam da cultura indígena no nosso país e sobre o que significava o termo “ser indígena” para eles. Notou-se que as concepções dos alunos se respaldavam nas notícias das várias mídias sobre os povos indígenas, na construção do conceito indígena pela educação que tiveram, o que consequentemente gerava uma visão distorcida sobre o assunto.

Na segunda etapa da aula, os alunos foram convidados a assistirem a um documentário que discute diversas questões socioculturais de alguns povos indígenas na contemporaneidade. Após o vídeo os alunos discutiram sobre o que o vídeo mudou/acrescentou em seu modo de ver a questão, buscando compreender se ele havia desconstruído algumas de suas concepções prévias. Na discussão, buscou-se enfatizar a importância da contribuição dos povos tradicionais para a construção do território brasileiro e também a problemática de questões ambientais que envolvem os povos indígenas, como a demarcação de terras. Após o debate, a sala foi dividida em equipes e foi pedido aos alunos que escrevessem, de maneira colaborativa, suas considerações sobre o que havíamos discutido e que selecionassem um integrante da equipe para apresentar.

Como era de se esperar, a maioria dos alunos não tinha acesso a informações sobre a diversidade dos povos indígenas no Brasil, conforme apresentado no vídeo. Seus apontamentos apresentavam ambiguidades e falta de informações, conforme as considerações que alguns alunos escreveram:

Equipe 1: “Nós achávamos que era uma coisa, mas na verdade é totalmente diferente. Ninguém imaginava que os índios tinham acesso à internet. Esse documentário nos mostrou que os índios são realmente diferentes do que imaginamos”.

Equipe 2: “Podemos observar os índios através desse documentário e perceber que eles não andam em nudez total. Eles também praticam o mesmo esporte que nós e tem quase os mesmos costumes que os nossos”.

A escrita do aluno da equipe 2, quando constata que alguns indígenas praticam “o mesmo esporte que o nosso”, promove o sentimento de aproximação dos mesmos ao tema de maneira mais reflexiva. Com isso, a observação do outro, do que é “diferente”, passa a ser moldada nas similaridades. Neste contexto, a aproximação de culturas através da educação e a discussão sobre a contribuição das culturas indígenas e afro-brasileiras apresenta um grande potencial ao ensino sobre questões étnicas e raciais, pois os estudantes passam a “entender” as dimensões do outro e com isso, respeitá-las.

## **2º momento:** Caracterização das etnias Paiter Suruí e Ikpeng

No segundo momento, os alunos foram levados ao laboratório de informática da escola para, em duplas, realizarem uma pesquisa sobre as etnias a serem estudadas. Para direcionar a busca, nós entregamos aos alunos questões norteadoras, relacionadas à origem dos nomes, histórico de migrações, demarcação de terras, impacto no modo de vida a partir do contato com os não indígenas e conflitos com o governo. Com esse momento de busca e interpretação dos dados encontrados, nós esperávamos estimular a construção do conhecimento de forma mais dinâmica e participativa, pois, segundo Demo (2000), o aluno é liberto da passividade pela pesquisa.

Após a realização das buscas, os alunos compartilharam suas respostas e expuseram curiosidades descobertas. O termo *maloca*, habitação coletiva tradicional indígena, foi citado quase por unanimidade pelos alunos durante a pesquisa e associado a gíria comumente utilizada nas ruas de comunidades periféricas. Os alunos pontuaram também as constantes ameaças sobre os territórios que os indígenas sofreram e sofrem até hoje, além da falta de políticas públicas que realmente os contemplem. Esse tópico foi muito importante para trazermos a discussão sobre pluralismo de culturas no Brasil. Assim, foi possível exercer a reflexão, argumentação e questionamento visando princípios e valores da vida em sociedade.

### **3º momento:** Oficina de Etnomatemática dos Paiter Suruí

No terceiro momento do projeto, foram trabalhados alguns conceitos da matemática partindo do artigo de Suruí e Leite (2012): “Etnomatemática e Educação Escolar Indígena no contexto do povo Paiter”. O artigo traz informações sobre os saberes da matemática, pela visão dos Paiter Suruí, relacionados a medidas de contagem e geometria. Segundo D’Ambrosio (2011, p. 9), “etnomatemática é a matemática praticada por grupos culturais, tais como comunidades urbanas e rurais, grupos de trabalhadores, classes profissionais, crianças de uma certa faixa etária, sociedades indígenas, e tantos outros grupos que se identificam por objetivos e tradições comuns”. Neste contexto, trabalhar com a etnomatemática no ensino médio aproxima os alunos de uma nova discussão sobre aspectos culturais da nossa sociedade e as diferentes formas de se interpretar o meio em que vivemos e de compreender a dinâmica das mudanças em diferentes grupos sociais por meio da Matemática. Concordamos com D’Ambrosio (2015), que menciona que “a proposta pedagógica da etnomatemática é fazer da matemática algo vivo, lidando com situações reais no tempo [agora] e no espaço [aqui]” (D’AMBRÓSIO, 2015; apud SURUÍ; LEITE, 2012, p. 5).

Para este momento, por meio de uma apresentação em powerpoint, levamos informações sobre quem são os Paiter Suruí e onde é encontrada a matemática nas artes, nas casas e na língua deste povo, sempre em consonância com as informações trazidas pelo artigo. Foi possível discutir como o corpo humano era usado pelos povos indígenas como unidades de medidas, além de mostrar curiosidades e levantar informações prévias que os alunos já detinham da etnomatemática praticada por outros grupos sociais.

Neste momento do projeto, foi observado que os alunos se questionavam sobre outras possibilidades de se entender a matemática, não aquelas “convencionais”, durante a educação básica. Monteiro e Mendes (2014) propõem que consideremos a sala de aula como um espaço de encontro entre saberes e fazeres matemáticos. As explicações e as técnicas de resolução de problemas de fora da escola são trazidas para dialogar, comparar e tensionar com aquelas já naturalizadas na escola. Ou seja, levar novas informações sobre a presença da matemática em outros contextos em que os alunos estão inseridos, promove o entendimento nos mesmos sobre a importância de se aprender, e de como as questões matemáticas podem ser tratadas fora do meio científico e escolar. Desta maneira, com esse entendimento, ocorre uma nova possibilidade de aproximação dos conhecimentos matemáticos científicos propostos pelos currículos, e consequentemente, uma melhora na aprendizagem de tais conhecimentos.

No decorrer desta aula, unimos também a matemática a alguns conceitos de biologia. Esta união partiu da discussão sobre a geometria das moradias para as construções de ocas e malocas dos Paiter e os recursos naturais disponíveis para tais construções. Mencionamos como os impactos da degradação humana interferem no espaço natural e no território desse grupo, evidenciando as problemáticas ambientais no bioma em que os mesmos estão inseridos:

o bioma Amazônico. Sabe-se que o bioma Amazônico vem historicamente sendo alvo de degradação humana, seja ela por ocupação, por criação de animais, monocultura, entre tantos outros eventos e no ano de 2019 sofreu ainda mais com inúmeras queimadas.

Dentro deste contexto, pensar nas comunidades tradicionais é pensar em preservação ambiental, pois segundo dados do Plano de Prevenção e Controle do Desmatamento na Amazônia (PPCDAM, 2004-2012) as áreas de demarcação de terras indígenas contribuem diretamente para a proteção da biodiversidade ambiental, bem como para o controle climático global, visto que as terras indígenas representam as áreas mais protegidas ambientalmente, sendo assim, levar estas informações aos alunos contribui para o conhecimento não só da cultura, mas da importância das terras indígenas presentes nos mais diversos biomas do país para a sua preservação.

#### **4º momento:** Oficina de Banco de Sementes dos Ikpengs

No quarto momento foi realizada uma apresentação em powerpoint denominada “Aspectos culturais e o cuidado da Terra-casa” com o intuito de contextualizar sobre o povo Ikpeng, a conjuntura sócio-agroambiental em que estão inseridos e o que fazem para preservar o meio ambiente. Seguindo a metodologia expositiva-dialogada, a ação teve início com a apresentação de um mapa do Brasil com foco no Parque Nacional do Xingu e a distribuição das 16 etnias que vivem ali (Instituto Socioambiental/ISA, 2002). A partir disso, foi possível chamar atenção ao desmatamento e a monocultura que avançam sobre dois biomas ameaçados no país com partes no Parque: Cerrado e Amazônia (Instituto Socioambiental/ISA, 2002).

Diante dessa problemática, os alunos discutiram sobre os impactos e os benefícios que a monocultura pode trazer para a população brasileira e sobre o papel dos povos indígenas nessa situação. Além disso, discutiram o conceito de desenvolvimento e se a diminuição dos biomas é um preço justo a se pagar. Ao final, os alunos concordaram que os maiores problemas ambientais são a perda da cobertura vegetal, empobrecimento do solo, climas mais secos, menos chuvas e diminuição da biodiversidade e que isso pode acarretar a diminuição de alimento para os povos do Xingu. Depois, em uma folha de caderno, eles escreveram pequenas ações que podem ajudar a reverter essa situação.

Aluno 01: “Devemos diminuir ou acabar com o uso de agrotóxicos. Reciclar mais, pois o lixo está acabando com o planeta”.

Aluno 02: “Precisamos compreender uns aos outros para conseguir viver sem discordância e desigualdade. Se vivêssemos com empatia, um entenderia a dificuldade e a necessidade do outro”.

Aluno 03: “Menos prédios e mais plantações. Evitar o uso de agrotóxicos para não prejudicar a saúde e também evitar as queimadas. Evitar uso de motos e carros. Jogar lixo no lixo. Se cada um fizer sua parte, ajudamos o meio ambiente”.

Aluno 04: “A solução é aprendermos a cuidar como os verdadeiros povos desta terra. Extrair sem prejudicar, pois, a natureza já está no seu limite. Podemos



ver esses efeitos pelo aumento das marés, derretimento das calotas polares, gases na atmosfera e desmatamento das florestas, que impedem que elas purifiquem a poluição”.

Depois de apresentadas as possíveis soluções dos alunos, nós seguimos com a exibição de um vídeo que retrata o grupo Movimento Mulheres de Yarang. As Yarangs fazem parte de um grupo de mulheres Ikpeng, coletoras de sementes, que ajudam no reflorestamento e recuperação de áreas desmatadas no Parque Nacional do Xingu (Instituto Socioambiental/ISA, 2017). Em seguida, a reflexão foi enfocada para o contexto local.

A Mata Atlântica, assim como o Cerrado, é considerada um hotspot, ou seja, é um bioma rico em biodiversidade e fortemente ameaçado (MMA, 2002). Partindo da similaridade de ameaça pelo desmatamento, nós fizemos aos alunos a proposta de organizar um banco de sementes na escola como ferramenta de ensino de conservação ambiental. Dessa forma, cada aluno ficou responsável por levar para a escola sementes que fossem encontradas em casa ou na rua para identificação da espécie/gênero nos encontros que se sucederam.

#### **5º momento:** Palestra sobre a Reserva Biológica Serra dos Toledos presente no município de Itajubá

Para o último momento da sequência de aulas proposto no cronograma do projeto, convidamos uma mestrande que pesquisa sobre uma área de preservação ambiental no município de Itajubá para realizar uma palestra aos alunos. Esta ação teve o intuito de trabalhar a sensibilização ambiental e apresentação da Reserva Biológica Serra dos Toledos, visto que a maioria não sabia que tinha uma unidade de conservação na cidade e desconhecia a biodiversidade presente no município.

No decorrer da palestra, observamos que os alunos ficaram extremamente curiosos com as espécies fotografadas pela pesquisadora, a qual levou um acervo audiovisual sobre as capturas das espécies que estão sendo levantadas na reserva. Durante a exposição ela solicitava aos alunos que identificassem, ao ouvir somente o som da captura da vocalização da espécie, qual era o animal que o emitia.

Como já havíamos levado em discussão as problemáticas ambientais presentes em diversos locais, foi proposto aos alunos que após a palestra, de acordo com o que havíamos discutido nas aulas anteriores, os mesmos refletissem sobre medidas de conservação para a biodiversidade que está presente na reserva. Neste contexto, Dias (2004) menciona que a Educação ambiental é um processo permanente no qual os indivíduos e a comunidade tomam consciência do seu meio ambiente e adquirem conhecimentos, valores, habilidades, experiências e determinação que os tornem aptos a agir e resolver problemas ambientais, presentes e futuros.



Concordamos também com Medeiros (2011), ao mencionar a importância de se abordar as problemáticas ambientais nas escolas, pois, segundo os autores

A cada dia que passa a questão ambiental tem sido considerada como um fato que precisa ser trabalhado com toda a sociedade e principalmente nas escolas, pois as crianças bem informadas sobre os problemas ambientais vão ser adultos mais preocupados com o meio ambiente, além do que elas vão ser transmissoras dos conhecimentos que obtiveram na escola sobre as questões ambientais em sua casa, família e vizinhas (MEDEIROS et al, 2011, p.02).

Carvalho (1998) coloca que o diagnóstico crítico das questões ambientais e a autocompreensão do lugar ocupado pelo sujeito nessas relações, são o ponto de partida para o exercício de uma cidadania ambiental, ou seja, para que os alunos pudessem compreender de maneira mais profunda as discussões ambientais anteriores, se fez necessária uma aproximação mais explícita com as questões ambientais do meio em que vivem, do contexto local.

#### **6º momento:** Confeção de materiais para a Feira de Ciências

O sexto encontro foi direcionado para confecção e organização dos materiais para a exposição na Feira de Ciências. Orientados pelos tópicos estudados nas ações passadas, os alunos montaram maquetes que representavam asocas e malocas do povo Paiter Suruí e fizeram um banco de sementes em referência ao Movimento Mulheres Yarang.

Durante a montagem das maquetes eles debatiam os conceitos aprendidos no terceiro encontro sobre medidas e geometria enquanto pensavam no formato e materiais a serem utilizados, tornando a montagem essencial para aplicação do conhecimento, troca de saberes e tomada de decisões. Assim, observamos nos alunos a reflexão, a interpretação e a fixação dos conteúdos abordados no projeto.

Figura 2. Banco de Sementes montado pelos alunos



Fonte: Autores

Figura 3. Uma das ocas feitas pelos alunos



Fonte: Autores

## **7º momento:** Feira de Ciências

No último encontro ocorreu a exposição dos materiais construídos para a Feira de Ciências da escola. O evento foi aberto à comunidade e, por isso, houve uma aproximação entre a escola, os pais e moradores do entorno. Por todo o tempo, os alunos estiveram dispostos para explicar os estudos que fundamentaram os trabalhos desenvolvidos. Conseguimos observar a dedicação dos alunos para sistematizar os conteúdos aprendidos, relacionando-os com as maquetes construídas, de modo a passar as informações com clareza aos visitantes. Percebemos também que, ao contextualizarem o banco de sementes, eles abordavam de forma crítica o desmatamento que ocorre no Brasil e a importância de manter áreas verdes protegidas. Dessa forma, ficou nítido para nós o quanto o conhecimento científico ajuda nas decisões e argumentações, e como a educação dá autonomia aos alunos para exercer a cidadania, neste caso, em discussões de questões sociais e ambientais.

## **Processo de Avaliação**

A avaliação é comumente vista como instrumento de aferição de conhecimento na escola. Ela enumera o desenvolvimento e classifica os alunos de acordo com o grau de aprendizado em determinada área de ensino ou atividade. Por vezes, ela acaba sendo considerada como um objeto punitivista pelos estudantes.

Zabala (2010) aponta que a avaliação deve ser reconhecida como um “[...] processo formador de desenvolvimento de todas as capacidades da pessoa, desde a cognitiva até as procedimentais e atitudinais [...] de autonomia pessoal, de relação interpessoal e de inserção social”. Ou seja, ela deve incentivar e ser parte do processo de aprendizagem do aluno, além de promover o uso e concretização do conhecimento construído.

Guiados por isso, optamos por não aplicar uma prova classificatória para finalizar este projeto. Avaliamos os alunos de modo contínuo, a partir de suas contribuições às discussões, participação espontânea nas atividades propostas, organização e apresentação dos trabalhos durante a Feira de Ciências.

## **Considerações finais**

O espaço escolar é um território atravessado pela diversidade cultural onde o docente enquanto mediador no processo de ensino e aprendizagem tem um papel fundamental na discussão das relações que o compõe. A partir das observações e ações realizadas pelo projeto, pode-se evidenciar que o mesmo colabora com a reflexão e a discussão sobre a formação pluriétnica que compõe o país e como estas podem ser trabalhadas pelos docentes de diversas áreas articulando com a proposta prevista na lei 11.645/08.

Com o desenvolvimento deste trabalho ficou evidente a contribuição que a Pedagogia de Projetos traz para o ensino interdisciplinar, promovendo a discussão de questões atuais

incorporadas ao ensino de matemática, biologia, sociologia e história. Ela coloca o aluno como autônomo no processo de aprendizagem de forma crítica, com indagações e reflexões, retirando-o da ignorância e passividade. O professor é liberado do papel de transmissor de conhecimento e atua na condução ao conhecimento.

Entretanto, a interdisciplinaridade solicita uma sequência de ações bem planejadas para promover a integração dos conteúdos, quebrando o ciclo já estabelecido da sua fragmentação. Para ser legítima, ela deve viabilizar novas possibilidades de interpretação de problemas cotidianos. Por isso, ela exige o apoio de outros professores e até mesmo da gestão escolar, além de demandar a atualização geral de todos os envolvidos nesse processo para permitir o novo.

Quanto aos discentes, o trabalho proporcionou a eles uma nova experiência de ensino, fora da sala de aula e do enquadramento do livro. Tivemos um grande envolvimento dos alunos, refletido na qualidade dos materiais montados e apresentados. Além disso, o diálogo sobre um tema que frequentemente é silenciado nas escolas e a interação dos alunos em relação a ele, abertos a quebra de estigmas, reforçou a necessidade de trabalhar as questões étnicas e raciais na escola.

## **Referências**

- ALMEIDA, A. **Literatura afro-brasileira e indígena na escola: a mediação docente na construção do discurso e da subjetividade**. 32o Congresso Internacional de IBBY, 2010. Disponível em: <[http://www.ibbycompostela2010.org/descarregas/11/11\\_IBBY2010\\_1.pdf](http://www.ibbycompostela2010.org/descarregas/11/11_IBBY2010_1.pdf)>. Acesso em: 20/09/2019.
- BRASIL. **Lei 11.645, de 10 de marco de 2008**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm)>. Acesso em 20/09/2019.
- BRASIL. **Ministério do Meio Ambiente. Avaliação e identificação de áreas e ações prioritárias para a conservação, utilização sustentável e repartição dos benefícios da biodiversidade nos biomas brasileiros**. Brasília: MMA/SBF, 2002. 404 p.
- CARVALHO, I. **Em direção ao mundo da vida: interdisciplinaridade e educação ambiental** – Brasília: IPÊ Instituto de Pesquisas Ecológicas, 1998.
- D'AMBROSIO, U. **Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- DEMO, P. **Educar pela Pesquisa**. 4. ed. Campinas: Associados, 2000.
- DIAS, G. **Educação Ambiental – Princípios e Práticas**. 9ª ed. São Paulo: Gaia, 2004.

- FUNAI. Povos e Terras Indígenas. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/quem-sao>>. Acesso em 20/09/2019.
- INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Povos indígenas no Brasil: Xingu**. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xingu>>. Acesso em: 12/11/2019.
- MEDEIROS, A.; et al. **A Importância da educação ambiental na escola nas séries iniciais**. Revista Faculdade Montes Belos, v.4, n.1, set.2011
- MONTEIRO, A.; MENDES, J. A etnomatemática no encontro entre práticas e saberes: convergências, tensões e negociação de sentidos. **Revista Latinoamericana de Etnomatemática**, v. 73, n. 3, p. 55-70, 2014. Disponível em: <<http://www.revista.etnomatematica.org/index.php/RevLatEm/index>>. Acesso em: 20/09/2019.
- PRADO, M. **Pedagogia de projetos**. Gestão Escolar e Tecnologias, 2009. Disponível em: <[http://www.eadconsultoria.com.br/matapoio/biblioteca/textos\\_pdf/texto18.pdf](http://www.eadconsultoria.com.br/matapoio/biblioteca/textos_pdf/texto18.pdf)>. Acesso em: 20/09/2019.
- SÁ, W. **A presença do negro no livro didático de história do ensino fundamental: uma primeira análise**. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://www.ffp.uerj.br/arquivos/dedu/monografias/WSMS2010.pdf>>. Acesso em: 20/09/2019.
- SURUÍ, A.; LEITE, K. **Etnomatemática e Educação Escolar Indígena no contexto do povo Paiter**. Zetetike, 26(1), 94-112. 2018. Disponível em <<https://doi.org/10.20396/zet.v2i1.8650870>>. Acesso em: 20/09/2019.
- UNESCO. **International Year of Indigenous languages – IYIL2019**. Disponível em: <<https://en.iyil2019.org/>>. Acesso em 20/09/2019.
- Xingu: histórias dos produtos da floresta / organização: André Villas-Bôas, et al. 1º ed. São Paulo. Instituto Socioambiental, 2017.
- ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. 224p.

---

### **Biografia Resumida**

**Felipe Luiz Araújo Martins:** Graduado em licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Itajubá, foi aluno do Programa Residência Pedagógica 2018-2020.  
**Lattes:** <http://Link Lattes.cnpq.br/9406463677912800>  
**e-mail:** felipe\_luiz45@hotmail.com

**Thalita Geovana Cassiano Ferreira:** Graduada em licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Itajubá, foi aluna do Programa Residência Pedagógica 2018-2020.

**Lattes:** <http://Link Lattes.cnpq.br/6056369067228941>

**e-mail:** thalitacass@gmail.com